

APRESENTAÇÃO

Triste é a sina daquele que "apresenta". Teoricamente alocada no início do processo, na verdade, a apresentação vem a reboque tentando costurar e traçando nexos entre artigos e argumentos.

Porém, se no mais das vezes a tarefa é árdua, eis que nesse caso a situação se inverte. Fazendo juz a um vocábulo que já é quase uma tradição no pensamento antropológico, diria que esta *revista* é antes um grande *potlach*. Com efeito, tendo em mente a fórmula do "dar, receber e retribuir", esse terceiro número de *Cadernos de Campo* mais se parece com um sincero exercício do *dom*. Uma *dádiva*, não só em função da troca que a *revista* revela com sua mera existência, mas sobretudo devido a sua possibilidade de por em circulação idéias, tendências e trabalhos; quase uma radiografia do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Radiografia das diferentes áreas; radiografia de suas atividades – entre artigos, trabalhos de final de curso, teses, exposições e núcleos de estudo; radiografia do corpo que compõe o Departamento, aqui representado por seus alunos de graduação e de pós-graduação e por parte do grupo docente.

Permanecer, no entanto, nesse exercício de raio-x seria pouco; significaria ficar nas características mais esquemáticas e superficiais dessa *revista*. Mas importa, portanto, destacar como seus artigos tocam de perto temas fundamentais e atuais da reflexão antropológica.

Em primeiro lugar, seria possível associar uma série de textos que, cada um a sua maneira, repensam a dimensão simbólica do poder político. Durante muito tempo negligenciado, o tema do poder é quase um *tabu* nessa disciplina – para mais uma vez recorrermos a um termo viciado. Em diferentes artigos a questão reaparece, revelando como ao lado da "razão prática" reside a "razão simbólica", não como reflexo e adereço, mas tal qual uma instância explicativa de considerável autonomia. Temas como a mestiçagem nacional, a prática de xingar nos estádios de futebol, constituem-se em textos e pretextos para discussões teóricas atuais. Mais uma vez, o particular é um bom trampolim para se pensar o geral, o detalhe deixa de ser entendido como mera excessão.

"Estrangeiros entre nós mesmos". Essa é a conclusão de um conjunto de ensaios que trata desse velho ato de estranhar a nós mesmos e não só o exótico. Tentando olhar culturalmente sobre os próprios ombros, vários autores constituem argumentos com a terceira pessoa, mesmo quando falam de objetos pouco afastados. Esse é o caso do ensaio sobre o "Disqueamizade" – 145 para os mais informados ou apenas curiosos –, ou do artigo sobre "As mulheres negras do Oriashé". Nem tão familiares, nem tão estranhos, esses objetos revelam espaços de liminaridade e colocam em evidência questões fundamentais para a antropologia, cujo objeto é um "outro", que de alguma forma implica sempre em nossa própria transformação.

O maior mérito do conjunto de artigos dessa *revista*, é, no entanto, fazer um exercício dialógico que revela culturas plurais, mesmo quando parecem únicas. "Um mais um não é mesmo igual a dois" é o dilema aritmético de Tarinu, mas é também um exemplo de como o conhecimento constitui-se em relação a um mundo vivido e experimentado na prática; conhecimento que é sempre filtrado e resignificado culturalmente. Nesse sentido, nesse terceiro número de *Cadernos de Campo*, ao lado dos ensaios mais propriamente etnográficos, aparecem análises teóricas instigantes, ora sobre nossos mestre e pais fundadores – Durkheim, Mauss e Boas; ora sobre pensadores de áreas vizinhas, como a linguística e a história. O ensaio sobre Bakhtin e Ginzburg retoma, de certa forma, o mesmo problema, quando destaca a maneira como esses autores trabalham com seu objeto privilegiado: a cultura popular. Nesse caso, a tentativa não é reduzir a um só código ou expediente as personagens e textos coletados, mas antes inscrevê-los em sua multiplicidade de vozes e fazer do diálogo um fim em si mesmo. Ginzburg, assim como Bakhtin, procura por falas distintas, núcleos primários supra-individuais, sem perder de vista a dimensão histórica, sua real base explicativa. A metodologia desses autores surge, portanto, como inspiração, porta de abertura para debates contemporâneos que têm procurado romper com antigas dicotomias que opunham sincronia à diacronia; estrutura e evento. Entre a profundidade abstrata da estrutura e a concretude superficial do evento fiquemos com os dois.

É também oportuna nesse sentido, a publicação de um antigo texto de Balandier (redigido em 1955, mas ainda inédito entre nós), que propõe a noção de "situação colonial" em substituição à expressão "situação de contato". Mais uma vez o objetivo é reconhecer historicidades, situações coloniais peculiares, um olhar singular sobre realidades plurais. É nessa direção – apesar da distância teórica e cronológica – que caminha a entrevista de George Marcus: um ótimo balanço sobre a assim denominada antropologia pós-moderna, que retoma avanços, mas aprofunda críticas em relação a questões de ética e a uma suposta relatividade cultural, por vezes perversa demais.

Iríamos longe descrevendo as resenhas e relatórios que ajudam a fazer desse número da *revista* um amplo painel de debates e tendências. Mas, antes que essa apresentação se transforme numa síntese tediosa, é preciso terminar. Terminar dizendo que *Cadernos de Campo* é um exemplo de uma certa ética que rapidamente se apaga e desaparece entre nós. Um compromisso que segue "outra matemática", aonde cada trabalho não cabe na lógica do $1 + 1$, já que a sua soma daria com certeza muito mais que mil. Também nesse caso, *dar* não é sempre sinal de *menos*; é prova de que ainda sobrevivem certos espaços de debate aonde o que vale mesmo é um grande exercício de reciprocidade.

Lilia Katri Mortiz Schwarcz